

O emprêgo dos carros de combate com a infantaria

Pelo Coronel *Leo B. Conner*, de Cavalaria, Instrutor da Escola de Comando e Estado Maior. — Traduzido da revista "Military Review" pelo Tenente Coronel *Paulo Mac Cord*.

Durante a Primeira Grande Guerra, o carro de combate não possuía inimigo digno de referência e, porisso mesmo, quase nada pedia à infantaria, em matéria de apôio. Agora, seus dois grandes inimigos, a mina e o canhão anti-carro, acham-se de tal maneira aperfeiçoados que é necessário recorrer à infantaria, à artilharia e à engenharia para restabelecer a perda de mobilidade que lhe é inflingida.

As minas anti-carro acham-se abundantemente distribuidas e são de fácil transporte. Podem ser instaladas em curto tempo, paralisando completamente a marcha dos carros. Mas não conseguem deter a infantaria. Mesmo quando batidas pelo fôgo, a infantaria bem instruida e bem armada, e devidamente apoiada pela artilharia e auxiliada pela engenharia, consegue realizar uma brecha entre elas, abrindo caminho para os carros de combate.

Os canhões anti-carros convenientemente enterrados, camuflados e localizados de maneira a bater o terreno sôbre o qual a infantaria deve avançar, exercem ação eficaz contra os carros, mas podem ser neutralizados pela artilharia e dominados pela infantaria.

Por outro lado, metralhadoras convenientemente enterradas, camufladas e localizadas de maneira a bater o terreno sôbre o qual a infantaria deve avançar, pode deter essa infantaria, especialmente se houver emprêgo de arame farpado em

combinação com o fogo das armas automáticas. Mas os carros podem sobrepujar as metralhadoras e abrir passagens através desse arame farpado.

E' óbvio, portanto, que deve haver íntima cooperação entre a infantaria e os carros. Quando as minas ou os canhões anti-carros impedem o avanço daqueles veículos, a infantaria limpará o caminho. Os carros, por sua vez, forçarão passagens através do arame farpado, neutralizarão ou destruirão as metralhadoras e acompanharão ou precederão a infantaria na conquista do objetivo assinalado.

E' fácil para os carros conquistar um objetivo, mas não lhes é fácil mantê-lo em seu poder, porque o inimigo, depois de certo tempo, lançará contra êles seus canhões anti-carro, paralisando-os ou, talvez, destruindo-os. Devem, porisso, ser substituídos ao alcançarem aquele ponto, e reorganizados e deslocados para o objetivo seguinte, antes que o inimigo assim proceda. A infantaria deve segui-los no encalço para tal substituição.

Ainda por outro motivo, devem a infantaria e a engenharia acompanhar bem de perto aqueles engenhos de morte. Depois de atravessar os campos de minas principais e capturar os primeiros objetivos, é provável que novos campos de minas ou outros obstáculos sejam encontrados na cobertura de objetivos subsequentes, localizados mais a fundo da posição inimiga. Então, mais uma vez, será a infantaria chamada a cooperar, e com presteza.

E' evidente, pelo que ficou dito, que a infantaria e o carro de combate têm a missão recíproca de restabelecer cada um a mobilidade perdida pelo outro.

Em campo aberto, onde a liberdade do carro não sofre restrições, êle impulsiona a infantaria, abrindo-lhe caminho.

Em terreno difícil e acidentado, ou onde os campos de minas limitam a mobilidade do carro, a infantaria se incumbem de precedê-lo na ruptura da frente.

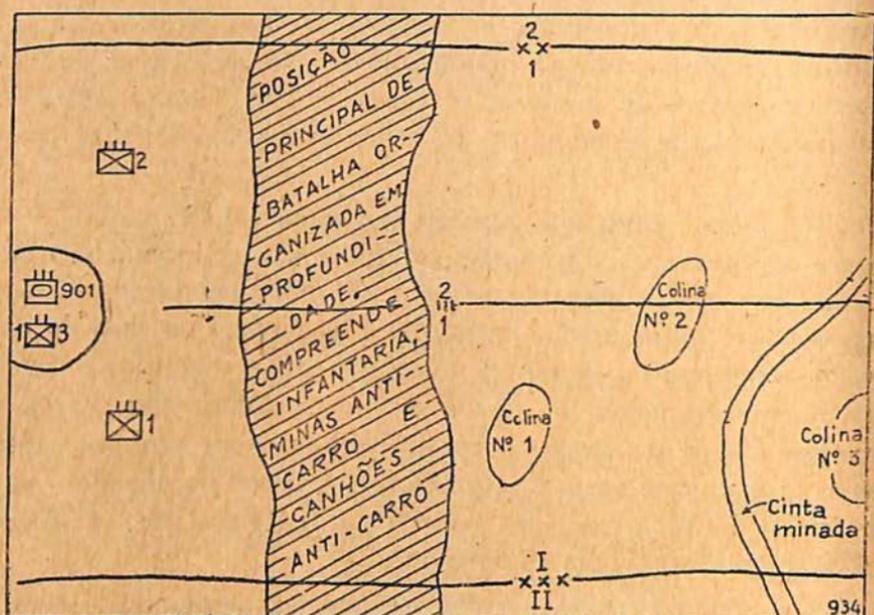
Qualquer que esteja com a prioridade da ação deve sentir-se imediatamente apoiado pelo outro. À infantaria cabe ocupar

com rapidez o terreno conquistado. Ao carro compete proteger a infantaria nos contra-ataques. Torna-se indispensável, para isso, o mais perfeito entendimento entre os dois, o que sómente pôde ser conseguido mediante íntimo contato e treinamento em conjunto. Uma unidade de carros estranha não pode ser incorporada a uma divisão de infantaria poucas horas antes de um ataque sem perigo de fracasso; a que não tenha ainda realizado exercícios com a infantaria está sujeita a não operar com a necessária eficiência. Esta, análogamente, não será capaz de empregar os carros de maneira acertada e tirar pleno proveito de sua grande potência se não tiver treinado juntamente com aqueles.

Há outro ponto que precisa ser submetido à análise. Os carros atacam com velocidade considerável. A infantaria a pé desloca-se muito vagarosamente, não podendo assegurar aos primeiros o apôio aproximado que é necessário no caso de um avanço continuado. Quando os carros são compelidos a esperar que a infantaria alcance e ocupe o terreno conquistado, o inimigo dispõe de tempo para aproximar seus canhões anti-carro e o ataque será arrefecido ou, mesmo, paralisado. Não se deve dar ao adversário semelhante oportunidade. A infantaria deve sobrevir imediatamente.

Os russos fizeram grande emprêgo de infantaria trepada na coberta dos carros. Assim, também, os alemães. Assim tem sido e assim continuará a ser, mas dentro de certos limites. Quando montados nos carros dianteiros, os homens são forçados a descer logo fiquem sob o alcance do fogo das armas automáticas. Os que viajam nos carros das vagas trazeiras poderão normalmente aí permanecer até que o objetivo seja atingido. O espaço disponível por cima dos carros é reduzido, dando apenas para seis homens; um batalhão de carros poderá comportar no máximo uma ou duas companhias de infantaria. Um grupo de dois batalhões de carros pode transportar nos intervalos a tropa a pé de um batalhão de infantaria, sem que seja necessário homem algum trepar nos carros expostos da onda dianteira.

Outra solução é motorizar um batalhão de divisão de infantaria e incorporá-lo ao grupo blindado. Tal batalhão seguirá o batalhão de carros guia bem de perto, em caminhões-apeando para combater, sempre que necessário. Enquanto a infantaria luta a pé, os carros fazem a cobertura, asseguram o apoio do fogo e se organizam para o lance seguinte.



O croquis representa uma zona defensiva inimiga. A área avançada compreende em sua organização uma série de faixas de minas anti-carro. Admitamos que a 1.^a Divisão de Infantaria, parte integrante de um corpo de exercito, esteja fazendo o esforço principal no ataque à posição, sendo a colina n.º 3 o seu objetivo. O 901.º Grupo Blindado, constituído de dois batalhões de carros tipo e os necessários quartéis-generais, acham-se incorporados à divisão, cujo comandante reforçou o referido grupo com o 1.º Batalhão do 3.º Regimento de Infantaria e um pelotão de engenharia, atribuindo-lhe a missão de atravessar a zona minada do sub-setor de ação do 1.º Regimento de Infantaria, em seguimento a êste, e capturar o objetivo da di-

visão, a colina n.º 3. As colinas ns. 1 a 2 estão designadas como objetivos intermediários.

O 901.º Grupo de Carros de Combate, reforçado, é representado em sua área de reunião, a alguns quilômetros aquém do alcance dos tiros de artilharia e convenientemente camuflado. É óbvio que o inimigo concentrará suas defesas anti-carro na frente do setor da 1.ª Divisão, ao pressentir que o ataque principal será desencadeado por ali. Toda precaução deve ser tomada no sentido de ocultar os carros de maneira que, se descobertos, possam, mesmo assim, ter o emprêgo previsto.

Poder-se-ia admitir que o 1.º Batalhão do 3.º Regimento de Infantaria, incorporado ao grupo blindado, fôsse encarregado de perfurar a zona minada, precedendo o 1.º Regimento de Infantaria. É missão que não se lhe adapta. Se se deslocassem trepados nos carros, a partir da área de reunião, ficariam os seus homens diretamente expostos ao fogo inimigo, quando tivessem de proceder à limpeza da frente durante a parada forçada dos carros. Se se deslocassem a pé, ficariam sujeitos a atraso prejudicial e a inútil fadiga. De qualquer maneira, o número de baixas poderia ser tal que o batalhão ficasse impossibilitado de apoiar os carros mais adiante. Destarte, cabe ao 1.º Regimento de Infantaria a precedência do ataque no seu sub-setor, afim de abrir passagens através da área defendida; aos carros, levantarem acampamento em seguida, transportando no dorso sua infantaria de proteção, atravessarem as zonas minadas e atacarem e capturarem a colina n.º 1.

A travessia do campo de minas deve ser cuidadosamente coordenada com o 1.º Regimento de Infantaria. Deve haver caminhos em número suficiente a permitir a rápida passagem dos carros, mas nem tantos que exijam trabalho desnecessário e conseqüente atraso. O grupo atacará, provavelmente, em coluna de batalhões. Cada batalhão poderá realizar o avanço pelas minas em linha de colunas de companhia e desenvolver com presteza para o ataque. Três caminhos serão suficientes. As estradas que ligam a área de reunião a êsses caminhos devem ser reconhecidas e melhoradas de modo a facilitar o tráfego dos

carros. Colocar-se-ão balisas ao longo do percurso de tais estradas. Adotar-se-ão medidas para assinalar os limites avançados da infantaria atacante, bem como o extremo da cauda da coluna de carros, de maneira a permitir à infantaria identificar a chegada dos últimos elementos.

Deve ser também combinado com o comandante da Artilharia Divisionária o apôio adequado de artilharia, que compreenderá a de corpo de exército, em virtude de estar a divisão realizando o esforço principal do corpo e o grupo blindado constituir a ponta de lança do ataque da divisão. Observadores de artilharia acompanham os primeiros elementos em carros destacados para êsse fim.

O apôio da artilharia é utilizado ao máximo. Especial atenção deve ser dispensada a localização conhecidas ou suspeitas de canhões anti-carro e postos de observação de artilharia inimigos, que devem ser neutralizados pelo fogo ou cegados pela fumaça. Sempre que os carros penetrarem numa posição ocupada por infantaria adversa, cumpre sejam precedidos e cobertos por uma umbela de tiros de tempo de artilharia, com arrebutamentos no ar bem por cima dos carros. Tôda infantaria moderna é equipada com eficiente armamento anti-carro, como o nosso bazooka, mas nenhuma infantaria é capaz de utilizá-lo quando o fogo de tempo de artilharia estiver espoucando por cima. Os carros não se deixam influenciar por êste fogo seja suspenso logo aquela infantaria atinja a orla do objetivo.

Contrariamente à opinião comum, os carros não "invadem" o objetivo conquistado. Se o fizerem, atrairão certamente eficazes tiros contra carros. Ao invés, dirigem-se a posições desafiadas, das quais possa dominar o objetivo batendo com fôgos os elementos que se exponham ou tentem fugir, assim como detendo os contra-ataques. Depois de ter a infantaria consolidado a ocupação, os carros reorganizam-se sob sua proteção e se preparam para ataque ao objetivo seguinte. Entrementes, o 1.º Regimento de Infantaria deixado à retaguarda, prossegue seu avanço tão rapidamente quanto possível.

Logo se encontrem em condições de retomar o ataque, os carros recolhem sua infantaria e rumam para a colina n.º 2. O ataque à colina n.º 3 é iniciado de maneira idêntica, mas quando os carros descobrem a cinta minada à frente da colina n.º 3, retiram-se para posições cobertas ou desafiadas, enquanto a infantaria apêia e se empenha na abertura de passagens através da área minada. Neste empreendimento, a infantaria é apoiada pelo fôgo dos carros e, naturalmente, pelo da artilharia.

Em tôda a duração do ataque, a infantaria, os carros e a artilharia devem funcionar sincronizados. Os carros capturam os objetivos sucessivos; a infantaria de proteção ocupa-os e cobre a reorganização dos carros, os quais acompanha no lance seguinte para lhes prestar o auxílio devido nas situações desfavoráveis. Os regimentos de infantaria prosseguem nos sub-setores, afim de tornar possível a realização de deslocamentos posteriores na direção dos objetivos subseqüentes. E cada avanço de qualquer dêsses elementos é sempre apoiado pelos infalíveis fôgos concentrados de artilharia.

Dve ser notado que, na presente situação, o grupo não foi fragmentado e distribuído pelos regimentos e, sim, empregado como unidade constituída e lançado contra o objetivo principal da divisão. Exatamente no proceder de modo contrário reside um dos mais vulgares êrros cometidos pelos comandantes de infantaria que têm recebido auxílio de carros. Um comandante de corpo de exército norte-americano, profundamente especializado em carros, que desempenhou as funções de observador durante as primeiras fases da campanha da Itália, faz um comentário a êsse respeito, mostrando que "dentro das divisões de infantaria havia considerável dispersão dos carros postos à disposição das mesmas, pois que aos regimentos de infantaria eram atribuídas companhias de carros, as quais, em alguns casos, ainda seriam enfraquecidas pelo desmembramento de pelotões enviados para junto dos batalhões de infantaria, sendo os pelotões, por sua vez, objeto de nova dispersão, em vista do aproveitamento de carros para missões secundárias,

tais como *ninhos de metralhadoras móveis*, etc... Em nenhuma oportunidade esteve um batalhão de carros suficientemente centralizado de molde a poder ser empregado enérgicamente num ataque ou num contra-ataque."

Os carros devem atacar em massa. O batalhão é a unidade normal de emprêgo. Quando o terreno é propício a êsse fim, destinar a totalidade, ou pelo menos o grosso dos batalhões de carros ao esforço principal. Muitas vezes, não haverá suficiente terreno favorável para um batalhão. Neste caso, utilizar o que fôr possível: a atuação de uma companhia pode ser de grande importância. E' indesculpável não tirar o devido proveito dos carros disponíveis.

A campanha da Sicília fornece-nos pelo menos um exemplo de utilização proveitosa dos carros. Uma divisão tinha operado com aqueles veículos na Tunísia, possuindo, assim, prática de seu emprêgo e do modo de apoiá-los. Seu comandante relatou que "durante a maior parte daquela campanha,, um batalhão de carros leves e uma companhia de carros pesados ficaram incorporados à citada divisão. Devido ao aspecto montanhoso do terreno, os carros se encontravam quase sempre em colunas alongadas. Contudo, foi verificado que, em certas áreas, podiam ser utilizados com vantagem em auxiliar a infantaria de assalto. Foram também empregados em massa, com todo o seu armamento de apôio, conduzindo sempre, com êxito, à tomada do objetivo visado pelo assalto."

Os carros necessitam de todo o apôio possível. São armas poderosas. Possuem grande potência de fogo e alto grau de imunidade contra o fogo adverso. Mas, por outro lado, são extremamente sensíveis ao terreno, exigindo que a engenharia lhes prepare caminhos considerados quase excelentes para outras tropas. São relativamente cegos — os homens da guarnição de um carro têm campos muito limitados de vistas através dos periscópios, o que lhe causa embaraços na localização dos alvos e, conseqüentemente, diminuição de sua grande potência de fogo. Mais ainda, devido ao seu grande formato ficam mui-

to expostos aos tiros dos canhões anti-carro. Em suma, não têm possibilidade de atuar com independência de movimentos.

Precisam de engenharia para vencer os terrenos difíceis e atravessar os campos de minas; precisam de fumaça para se ocultar e para cegar a artilharia e os canhões anti-carro do inimigo; precisam da infantaria para conseguir passagens em terrenos desfavoráveis ou através de defesas anti-carro concentradas, bem como para a execução dos reconhecimentos; precisam, finalmente, do apoio da artilharia. Dê-se-lhes tudo isto e nada poderá superá-los na perfeita execução do rápido esmagamento da oposição inimiga.

Este apoio recíproco e a alta eficiência decorrente são obtidos na divisão blindada pelo contato longo e contínuo e pelo treinamento em conjunto. Podem também ser conseguidos pelas divisões de infantaria e unidades de carros junto às mesmas destacadas, mediante o necessário espírito de compreensão e camaradagem e pela experiência que fôr sendo obtida no desenrolar das operações.

A articulação infantaria-artilharia é já um fato consumado em nossas divisões e tem sido aperfeiçoada pela vida em comum e pelos exercícios de conjunto. A articulação infantaria-carro-artilharia permanece, entretanto, em situação deficiente, até que esses três elementos vivam e trabalhem em ambiente mais íntimo. As Fôrças de Terra deram, muito recentemente, em abril de 1944, o passo inicial para o aperfeiçoamento desejado nesse sentido, em grande demonstração realizada no Fort Benning, com a presença dos oficiais mais graduados de todas as divisões de infantaria e unidades de carros de combate norte-americanos. Seguir-se-á a este passo inicial a providência de fazer batalhões de carros realizarem exercícios com divisões de infantaria. Em conseqüência, podemos esperar que nossa infantaria comece a tirar proveito de grande potência de fogo dos carros e que a articulação infantaria-carro-artilharia seja, dentro de pouco tempo, uma realidade auspiciosa no Exército dos Estados Unidos.